

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

**INCLUSÃO E DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA
COM SÍNDROME DE DOWN NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA.**

Milaine Alves de Deus Oliveira

Piritiba

2017

Inclusão e desenvolvimento global da criança com síndrome de Down nas aulas de educação física.

MILAINÉ ALVES DE DEUS OLIVEIRA

Pré-projeto apresentado como requisito final para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I do Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa UAB da Universidade de Brasília – Piritiba – BA.

Dedico esta conquista a minha mãe Reranilde Alves de Lisboa, minha incentivadora, amiga e companheira e ao meu irmão Herbert Alves de Deus Oliveira (portador da síndrome de Down) que me inspirou para fazer esse belíssimo trabalho.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de expressar meus agradecimentos a Deus por ter me concedido saúde e força para enfrentar às dificuldades e perdas que surgiram ao longo desta jornada, que por vários momentos me levaram a pensar em desistir. No entanto, Deus com sua infinita graça e misericórdia segurou-me pela mão e sustentou-me nos momentos difíceis.

A minha família e namorado meus eternos agradecimentos por acreditar nos meus esforços e capacidade e me apoiarem durante essa longa caminhada, com os quais pude dividir todos os medos e expectativas. Em especial a minha querida mãe **Reranilde Alves de Lisboa** a qual perdi no primeiro ano de curso, seu cuidado e dedicação me deram em muitos momentos, a esperança para seguir, foi por ela que mesmo fraquejando persistir em continuar, com certeza a minha maior incentivadora, meu alicerce, a esta mulher insubstituível todos os meus agradecimentos e gratidão.

Agradeço ao orientador e demais professores que em muito contribuíram na conclusão deste processo, por proporcionar não apenas o conhecimento racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores por toda dedicação e paciência meu muito obrigada!

Aos meus irmãos e amigos, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Meus agradecimentos aos meus colegas, amigas e companheiras de trabalhos, amizades que se consolidaram na faculdade as quais pretendo levar para vida. Obrigada a todos que de alguma forma contribuíram para minha formação. Valeu a pena todas as minhas ausências, todo sofrimento, todas as renúncias... valeu a pena esperar... hoje estamos colhendo, juntos, os frutos de tanto empenho!

SUMÁRIO

RESUMO.....
1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Justificativa	9
2. OBJETIVO	10
2.1 Objetivo geral.....	10
2.2 Objetivos específicos	10
3. REVISÃO DE LITERATURA	11
4. METODOLOGIA	14
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	15
6. CONCLUSÃO	23
7. REFERÊNCIAS	24
8. APÊNDICES	26

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a realidade do processo de inclusão de alunos com síndrome de Down (SD) nas aulas de Educação Física na rede de ensino regular, a fim de analisar a realidade vivenciada por docentes de Educação Física e alunos portadores de SD no processo de inclusão, além de identificar as lacunas e falhas existente no mesmo. Os resultados analisam e confrontam os direitos garantidos pela legislação versus a realidade vivenciada na prática pedagógica, com o intuito de identificar os principais desafios. Participaram desta pesquisa 1 professor de Educação Física e 21 alunos de uma turma do fundamental, sendo (10 meninas) e (11 meninos) entre os quais 1 é portador da síndrome de Down. Esta pesquisa revela a necessidade de novas propostas de políticas públicas que atendam de forma mais eficiente o processo inclusivo dentro das instituições escolares, do mesmo modo métodos pedagógicos que atendam o profissional da educação com conteúdo específico com cursos e formações continuadas que aprimorem gradualmente o professor, peça fundamental no processo de inclusão.

Palavras-chave: Síndrome de Down, Inclusão, Práticas Pedagógicas, Educação Física.

1- INTRODUÇÃO

A síndrome de Down (SD) é caracterizada por alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais, este distúrbio é identificado no cromossomo 21, devido a um erro que ocorre na divisão celular durante a divisão embrionária no qual o cromossomo 21 apresenta cromossomo extras. Geralmente esta anomalia é identificada no nascimento ou logo após devido as características acentuadas da síndrome. Segundo Pueche(1993) a SD foi descrita em 1866 por John Langdon Down, o primeiro médico a descrever as características da síndrome em uma criança.

Por muito anos as crianças portadoras da síndrome foram consideradas como seres incapazes de realizar atividades comuns para vida diária, sendo apelidados de “Mongóis” devido as suas características, sofrendo alto nível de rejeição socialmente e consecutivamente em resposta a isto foram retidos em instituições ou trancafiadas em casa por causa de tal (pré) conceito social, no entanto a convivência social é crucial para o desenvolvimento destes indivíduos, pois o meio em que se inserem é um mediador de estímulos para o desenvolvimento dos portadoras da SD. Segundo Werneck (1997), o Down é um excelente imitador absorvendo rapidamente os hábitos e costumes vistos e vivenciados a seu redor. Cláudia Werneck afirma que “A maior limitação para que os portadores de Síndrome de Down se tornem adultos integrados, produtivos, felizes e independentes não é imposta pela genética, mas sim pela sociedade” (Cláudia Werneck, 1997, p. 13).

É evidente que a criança com síndrome de Down tem um aprendizado mais lento, no entanto, se as mesmas forem estimuladas desde muito cedo o nível de desenvolvimento motor, cognitivo e social destas será consideravelmente maior, inicialmente estes estímulos devem acontecer no âmbito familiar consecutivamente para âmbito escolar onde os mesmos serão intensificados e aprimorados com o auxílio de profissionais multidisciplinares respeitando as características e limitações de cada indivíduo. Ressaltando que é direito do aluno portador de deficiências intelectuais o acesso à escola, regidos pela provação da Lei 9.394/96 que estabeleceu, entre outros princípios, o de "igualdade e condições para o acesso e

permanência na escola", a Declaração de Salamanca propõe a garantia da inclusão destes alunos nas escolas regulares dentre outras legislações. Compreende-se, portanto, que a escola deve atuar como instrumento facilitador no processo de promoção de mudança sociais, sendo que a inclusão no âmbito escolar se dá quando não ocorre a exclusão por qualquer atributo individual seja ele por gênero, cor, classe social, deficiência ou condições de saúde dentre outros. Segundo Sassaki (1999), em uma escola inclusiva todos os alunos com ou sem qualquer um desses atributos deve estudar juntos na mesma classe.

No processo de inclusão é necessário destacar a relevância do papel que desempenha o professor neste processo e as dificuldades enfrentadas pelos mesmos. Sabendo que este não deve ser apenas o mediador do conhecimento mais também demarca uma relação de confiança e segurança, com seus alunos, conhecendo suas limitações e estimulando o seu desenvolvimento e desempenho através de estímulos, por estes motivos, faz se necessária uma atenção especial voltada para este profissional preparando e munindo-os de conhecimentos e recursos desenvolvendo desta forma um trabalho de qualidade no intuito de auxiliar o desenvolvimento destes alunos.

1.1 Justificativa

Considerando a temática “ Como se caracteriza o desenvolvimento global da criança com síndrome de Down, a partir da inclusão nas aulas de educação física? ”, compreende-se que há uma série de desafios a serem enfrentados e muitos pontos a serem tratados e solucionados no que se referi a realidade vivenciada nas instituições escolares referentes ao tema.

Essa questão é muito pertinente, pois apesar de ser previsto por Lei a inclusão de alunos especiais nas instituições escolares, isto nem sempre acontece na realidade. Além das dificuldades enfrentadas neste processo pela ausência de formação do profissional da Educação Física no que diz respeito ao trabalho com alunos especiais, a demanda deste público nas escolas da cidade é relativamente pequena tornando cômodo as intuições a ausência do preparo dos seus profissionais passando despercebido tais necessidades.

O trabalho com a educação física inclusiva na cidade de Piritiba-BA é essencial para derrubar alguns muros relativos ao preconceito e tabus instituídos socialmente que podem estar relacionados a falta de informação e conhecimento sobre este tema. Despertando desta forma um maior interesse sobre o assunto favorecendo não somente a inclusão de alunos portadores da síndrome de Down como também de outras especialidades. Diante do contexto retratado nesta pesquisa esta obra pretende esclarecer a problemática referente à seguinte questão: “ Como se caracteriza o desenvolvimento global da criança com síndrome de Down, a partir da inclusão nas aulas de educação física? ”. Para tal pretende-se analisar a realidade deste contexto na cidade de Piritiba-BA, identificando as dificuldades e as possíveis estratégias existentes para sua resolução.

2. OBJETIVO

Objetivo Geral

Avaliar o aprendizado da criança com síndrome de Down no ensino fundamental, bem como a necessidade do professor em aprofundar-se quanto aos elementos pedagógicos e recursos didáticos para atendê-la em suas necessidades especiais num contexto inclusivo.

Objetivos específicos

- Caracterizar o desenvolvimento global da criança com síndrome de Down, a partir da inclusão nas aulas de educação física;
- Analisar a abordagem pedagógica dos professores de educação física mediante a inclusão destes alunos;
- Identificar os problemas encontrados pelos professores de educação física dentro das instituições escolares no processo de inclusão de alunos com síndrome de Down;
- Descrever e relatar a intervenção inclusiva destinadas às crianças com síndrome de Down incluídas nas aulas de educação física;
- Destacar as estratégias efetivas em promover a inclusão e desenvolvimento global da criança com síndrome de Down no ambiente escolar.

3- REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Alves, Duarte (2011) os requisitos que asseguram legalmente a inclusão dos alunos especiais são vastamente cobertos pela legislação educacional brasileira em seus diversos documentos oficiais, entre os quais estão a Declaração de Salamanca de 1994, estimada como um dos fundamentais documentos que visam a inclusão social; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996; Decreto Lei. N. 3298 de dezembro de 1999; Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica de 2001; Plano Nacional de Educação – PNE de 2001; Decreto nº 186 de julho de 2008; Finalmente a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008. "[...] pessoas com deficiência devem ter acesso ao sistema fundamental de ensino, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas nas comunidades em que vivem" (BRASIL, 2008a, p. 3).

Para Sasaki (1997) a inclusão é composta por um processo complexo de transformação da sociedade como pré-requisito para que tais indivíduos possam buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania. Em análise o autor ressalta que a inclusão é um processo amplo, com transformações de várias dimensões tanto nos ambientes físicos quanto na forma de pensar das pessoas, até mesmo do indivíduo com necessidades especiais, reforçado por Cidade e Freitas (1997) tais mudanças têm por intuito promover uma sociedade mais inclusiva e acolhedora que aceite e valorize as diferenças individuais, respeitando a diversidade, através da compreensão e da cooperação. Na escola, "pressupõe, conceitualmente, que todos, sem exceção, devem participar da vida acadêmica, em escolas ditas comuns e nas classes ditas regulares onde deve ser desenvolvido o trabalho pedagógico que sirva a todos, indiscriminadamente" (Edler Carvalho, 1998, p.170).

Diante da realidade apresentada neste contexto compreende-se que é necessário pôr em discussão a relevância do papel desempenhado pelo professor neste contexto bem como a importância dos estímulos aplicados através das aulas de Educação Física no auxílio do desenvolvimento global da criança com Síndrome de Down (SD) assim como no processo de inclusão dos mesmos. Deste modo baseado na gama de artigos que tratam a respeito da inclusão de alunos com SD nas aulas de educação física e como se dá o desenvolvimento dos mesmos,

pretende-se estabelecer um diálogo com diversos autores da área, a fim de elencar e compreender os problemas existentes, procurando métodos para resolvê-los.

A síndrome de Down é uma condição clínica caracterizada por retardo mental, baixa estatura, alterações esqueléticas, imunológicas, vários estigmas fenóticos, bem como anormalidades em outros sistemas e órgãos; os pacientes afetados apresentam vários indícios de um processo precoce de envelhecimento. (Shwartzman, 1992, p.15)

Estes autores em acordo com outros pontuam com ênfase as características dos indivíduos portadores da síndrome de Down. No entanto, de acordo a Bonfim (1996) é relevante ressaltar que embora as crianças com síndrome tenham inúmeras problemas de saúde aliados a mesma, é necessário advertir que nem todas apresentam tais patologias, encontrando-se em perfeito estado de saúde. Perante o devido diagnóstico e o auxílio especializado é necessário buscar um programa de estimulação para o desenvolvimento harmonioso.

A autora Tani (1987) garante ser essencial proporcionar oportunidades e experiências, tendo por objetivo que estes desenvolvam suas próprias habilidades motoras. Devido ao fato de que o nível de desenvolvimento em crianças com deficiência intelectual serem mais lentos faz se necessários maiores estímulos para que elas se desenvolvam e aos poucos consigam minimizar as suas dificuldades, notando que as experiências vivenciadas pela criança além de propiciar o seu desenvolvimento global também estão relacionadas ao comportamento desta criança e a formação da personalidade de cada uma. Vygotsk (1991) pontua na sua linha de pensamento que o meio em que a criança está inserida se torna o mediador da sua aprendizagem. Reforçada por Werneck (1997), em que o mesmo relata que o Down é um excelente imitador absorvendo rapidamente os hábitos e costumes vistos e vivenciados a seu redor.

A respeito disso vale pontuar que o professor tem um papel de grande relevância auxiliando estes alunos a conhecer o seu próprio corpo trabalhando sua dificuldade dentro das limitações de cada um, desenvolvendo e aprimorando habilidades, oportunizando a evolução do aprendizado. A respeito disso Himazaki (1994, p.41) comenta que “o professor deve pôr em prática uma ação educacional interventora, a fim de detectar, diagnosticar e promover a estimulação dos distúrbios

do desenvolvimento infantil, visando sua integração dentro da sociedade em que vive”. Compreende-se a partir dos estudos que a criança portadora da síndrome de Down apresenta idade cronológica diferente de idade funcional, dessa maneira compete ao professor de educação física conhecer as dificuldades mais acentuadas em cada aluno, desenvolvendo programas de atividades que trabalhem tais aspectos, baseados em períodos de desenvolvimento auxiliando de maneira que atinja os níveis considerados “normais” para cada faixa etária, pois quanto mais espontânea e prazerosa forem as atividades, melhores serão os benefícios agregados pelas mesmas no desenvolvimento global dos alunos.

[...] o fato de a criança não ter desenvolvido uma habilidade ou demonstrar conduta imatura em determinada idade, comparativamente a outras com idêntica condição genética, não significa impedimento para adquiri-la mais tarde, pois é possível que madure lentamente (SCHWARTZMAN, 1999, p. 246).

A fim de que o professor tenha uma postura fundamentada e segura é necessário que este educador tenha uma formação sólida e continuada, no entanto sabe-se que esta é uma das maiores dificuldades encontradas no processo de inclusão pois na maior parte das vezes, os professores não trazem na sua formação conhecimentos específicos para trabalhar com os alunos especiais, assim como outros elementos que acabam por invalidar ainda mais esta inclusão como a falta de infraestrutura e recursos. Para Mrech (1999) a inclusão não se dá apenas pelo ingressar da criança com deficiência no ensino regular sem que haja um apoio aos professores.

Em suma, o professor de educação física pode contribuir para o desenvolvimento integral destes alunos em paralelo com os pais. Podendo orientá-los auxiliando e ensinando exercícios fáceis de serem realizados e que estão relacionados as atividades cotidianas da criança, desta forma estes devem ser realizados com maior atenção e incentivo contribuindo para um maior desenvolvimento.

4. METODOLOGIA

Com base nos estudos realizados e na proposta de pesquisa pretendida pelo presente trabalho. A metodologia utilizada foi o estudo de caso com observação direta, sendo de caráter qualitativa e quantitativa, os dados foram coletados por meio de questionário e submetidos à análise de conteúdo. A população escolhida para a aplicação da pesquisa será um Professor de Educação Física do ensino fundamental da rede de Ensino Pública do Colégio Municipal José Oliveira Santos situado na Praça Francisco de Sá distrito do Franca a 25Km da cidade de Piritiba.

Com intuito de realizar uma análise satisfatória da realidade local, o questionário será aplicado na instituição que atende atualmente o jovem portador da Síndrome de Down, a seguinte instituição conta com apenas um professor de Educação Física, desta forma, a amostra contemplada pela pesquisa corresponderá a 1 professor e sua respectiva turma com o número de 21 alunos sendo (10 meninas e 11 meninos, sendo 1 portador da Síndrome). A integridade das informações sobre os alunos será mantida, sendo que mesmos serão nomeados por letras do alfabeto, como por exemplo: Aluno- A, B, C ou D.

A interpretação dos dados acontecerá através de discussões entre as informações coletadas através do questionário o qual apresentará um maior ou menor percentual respostas de caráter afirmativas ou negativas em seguida será feito um paralelo com o referencial bibliográfico que trata a respeito da temática relacionada a inclusão e desenvolvimento global da criança com síndrome de Down nas aulas de educação física, bem como, a análise de dados imediatos que sejam relevantes e auxiliem na obtenção de resultados que envolva de forma correspondente a temática analisada.

Com isso, pretende-se realizar uma observação estruturada sem que haja integração do pesquisador ao grupo analisado. A análise dos dados será feita de forma descritiva, buscando demonstrar com o máximo de fidelidade possível a realidade da inclusão de alunos com síndrome de Down no contexto do ensino fundamental na cidade de Piritiba-BA.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Mediante as visitas já previstas na metodologia do presente trabalho, esta pesquisa foi aplicada no Colégio Municipal José Oliveira Santos, com objetivo central de avaliar o aprendizado da criança com síndrome de Down no ensino fundamental, bem como a necessidade do professor em se profissionalizar e inovar a prática pedagógica e recursos didáticos com intuito de atender estes indivíduos num contexto inclusivo. Os dados a serem analisados foram coletados no período de observação e aplicação do questionário, tais informações obtidas serão apresentadas na Tabela-1 por categorias referentes a temática principal objetivada em cada pacote de perguntas. A pesquisa envolveu um professor de Educação Física e uma turma com 21 alunos, sendo 10 meninas e 11 meninos, entre os quais um é portador da síndrome de Down.

Fundamentado nos métodos de coleta de dados empregados nesta pesquisa, foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 1- Resultados da observação e questionários

CATEGORIAS	QUESTIONÁRIO	OBSERVAÇÃO
Interesse profissional		
01. Questão 02. Questão	<u>N</u> <u>S</u>	O profissional não possui especialização na área, no entanto não se opõem a trabalhar com este público.
Concepções sobre inclusão		
03. Questão 04. Questão 05. Questão 06. Questão 07. Questão	<u>N</u> <u>Dp</u> <u>Sc</u> <u>N</u> <u>N</u>	Diante das observações pode-se contestar o empenho do professor em incluir o aluno Down em todas as atividades práticas e teóricas intervindo e orientando aos demais

		alunos para acolherem e auxiliarem na realização das atividades. No entanto, em algumas atividades e em especial no futebol o mesmo sofre rejeição por parte dos meninos.
Intervenções pedagógicas		
08. Questão 09. Questão 10. Questão	<u>Na</u> <u>Av</u> <u>N</u>	As aulas ministradas não são adequadas para atender as necessidades do aluno, no entanto o professor busca recursos e orientações didáticas em fontes diversas com objetivo de incluí-lo.
Capacitação profissional		
11. Questão 12. Questão 13. Questão 14. Questão	<u>Dp</u> <u>N</u> <u>N</u> <u>Nc</u>	Os professores de Educação Física não estão aptos a trabalhar com alunos especiais, assim como também não dispõem de material, espaço e apoio adequado para desenvolver tais aulas, ressaltando também a ausência de formação profissional especializada, cursos entre outros.

Siglas e seus significados: S- sim, N- não, Nc- não capacitado, Ng- não mais gostaria, Nt- não mais trabalha, Nr- não responder, Cp- concorda parcialmente, Ct- concorda totalmente, Cp- concorda parcialmente, Dp- discorda parcialmente, Dt- discorda totalmente, En – evidente que não, It-interfere totalmente, Im- interfere moderadamente, Ni- não interfere, Os- obviamente sim, P-parcialmente, Sp- sim parcialmente, Sc- sim claramente, Na- não apropriada, Ar-apropriadas razoavelmente, Aag-apropriadas em alto grau, Av- as vezes, Sm- sempre, Nt- não totalmente, St- sim totalmente, Nc- não capacitado.

Historicamente, a proposta de integração escolar foi elaborada em 1972, na Educação Especial, por um grupo de profissionais da Escandinávia, liderados por Wolfensberger, na forma do chamado princípio de normalização. Este princípio apregoa que todas as pessoas portadoras de deficiências têm o

direito de usufruir de condições de vida o mais comum ou “normal” possível, na sociedade em que vivem (BATISTA & ENUMO, 2004).

No entanto, sabe-se que apesar de ser um direito garantido por lei, a realidade foge os parâmetros previsto por ela. O autor Kassir (2011) corrobora na sua linha de pensamento que a realidade no processo de inclusão em nosso País ainda é exorbitantemente deficitária e desafiadora para os professores de Educação Física, em razão da precariedade de infraestrutura, logísticas, humanas e técnicas nas escolas, bem como a ausência de planejamento mais apropriado de programas de atualização sistemática e permanente dos educadores.

Constatou-se, no entanto, que o fator desinteresse não foi algo evidenciado nesta pesquisa, os professores não são especializados, no entanto existe interesse em conhecer mais a fundo essa especialidade. Em concordância com a seguinte questão o autor Luiz (2008) destaca que quanto maior o preparo do professor mais apto e confiante este será no trabalhar com crianças especiais, ressaltando que é essencial que os professores do ensino regular recebam treinamento para desenvolver um trabalho eficaz junto as crianças portadoras da SD.

Em 1998, cerca de 200 mil pessoas estavam matriculadas na educação básica, sendo apenas 13% em classes comuns. Em 2014, eram quase 900 mil matrículas e 79% delas em turmas comuns (PORTAL BRASIL, 2015). Tais dados não divergiram muito com decorrer dos anos as políticas educacionais de qualificação e capacitação dos professores não apresentou grandes evoluções. Não obstante desta realidade além dos inúmeros fatores em declínio neste processo pode-se ressaltar que não dispomos de políticas capazes de equipar de maneira satisfatória os professores de Educação Física para trabalhar com as dificuldades presentes neste processo de inclusão destes alunos nas turmas regulares.

Inserir na escola aqueles que dela foram excluídos, sem que esta seja redimensionada dentro de um novo paradigma, é dar continuidade ao movimento de exclusão, visto que, se a escola permanece com práticas excludentes e concepções político-pedagógicas conservadoras, esses alunos serão excluídos ou permanecerão sem obter nenhum sucesso em sua aprendizagem e no seu desenvolvimento. (FIGUEIREDO, 2002, p. 68).

A escola deve atuar como uma ferramenta essencial no espaço social com o objetivo de promover mudanças sociais. Desta forma, a inclusão de crianças e

jovens com SD na rede de ensino regular assume importante papel atuando com a desconstrução de paradigmas. Em função disto, “ a investigação e confronto das propostas e suas aplicações práticas contribuem para a compreensão de fatores positivos e negativos relacionados” (ALVES; DUARTE, 2011) permitindo a análise e reformulação de estratégias afim de que a inclusão seja efetiva.

Observa-se que o processo de inclusão dentro das instituições escolares, ainda é complexo e deficitário, ainda são bastantes frequentes os olhares discriminatórios da sociedade sobre os indivíduos especiais, tais preconceitos por vezes são disseminados dentro do seio das famílias, formando crianças e futuros adultos intolerantes e preconceituosos, realidade está evidente desde muito cedo nas instituições escolares onde acontece o primeiro contato e vivência da criança com diferentes especialidades ou deficiências em outros indivíduos. Em concordância com os autores Goodwin; Watkinson (2000) no que se referi a não participação nas aulas de educação física os mesmos afirmam que, tal fator acarreta aos alunos especiais efeitos negativos, como a ausência de senso de pertencimento ao grupo, gerando o isolamento social que está associado com a rejeição desse indivíduo.

Batista e Enumo (2004) descrevem que os discentes com deficiência intelectual costumam ter relações sociais limitadas com seus colegas de classe. Em referência a esta afirmação observou-se durante o período de análise que o aluno B1 foco desta pesquisa era ignorado pelos colegas na execução de algumas atividades em especial nas aulas de futebol, em consonância com tal evidência o autor Ribeiro (2011) expõe que a privação de experiências motoras pode gerar aprendizagem e desenvolvimento insuficientes das habilidades motoras fundamentais, essenciais para a realização satisfatória de atividades da vida diária. Visto que incluir não se resume a introduzir o sujeito em uma turma, sala de aula ou instituição escolar, é necessário que se criem possibilidades, intervenções e estímulos que socializem e integrem o indivíduo ao meio. Já que a construção destas relações sociais ainda limitadas e carentes demonstram as dificuldades encontradas pelo professor decorrente a tentativa de inclusão de seus alunos. Somente a adaptação dos conteúdos e atividades com objetivo de almejar a participação do aluno com SD não assegura que o processo de inclusão será concretizado. Deste modo o processo de inclusão deve ir além da oportunidade de atingir metas educacionais prevista pelo sistema de ensino, mais de igual modo,

proporcionar a inclusão não somente na rede social presente em sua turma, como também no ambiente escolar como um todo. Portanto cabe ao professor intervir nesta realidade através das aulas de educação física com intuito de romper tais paradigmas, e promover a inclusão destes alunos.

De tal modo, em paralelo com as informações coletadas e a realidade exposta pelos autores, percebe-se que a educação física para deficientes com síndrome de Down é uma tarefa árdua, faz se necessário ter conhecimentos na área promovendo proposta pedagógicas que possibilitem a tais indivíduos intervenções inclusivas nas quais eles não se sintam excluídos das atividades elaboradas pelas demais, trabalhando o sentimento de pertencimento ao grupo ao meio em que se inseri.

É relevante ressaltar também a importância das atividades físicas para o desenvolvimento global dos alunos com síndrome de Down.

A síndrome de Down é uma forma de vida, e não uma doença; as crianças com essa síndrome têm a capacidade de fazer tudo que as pessoas com desenvolvimento típico fazem, só levam um tempo um pouco maior para desenvolver algumas habilidades específicas, mas são totalmente capazes, o que faz com que a estimulação seja essencial em seu desenvolvimento desde os primeiros meses de vida. (CINTRA;OLIVEIRA, VEIGA, 2015, p.162)

A educação física na vida dessas crianças é essencial pois por meio desta, tais indivíduos irão se desenvolver globalmente.

A criança com SD, apesar de ter várias de suas características físicas e psicológicas limitadas, tem uma comprovada capacidade de aprender. A adaptação educativa dos métodos e avaliações faz com que haja progresso dentro do contexto educacional. A criança com SD tem uma maior facilidade de aprendizado, quando há repetições de atividades antes de modificá-las. As imitações também facilitam, pois além de serem divertidas para as crianças elas acabam por copiarem os movimentos. (MAZZOTTA,1996)

A partir dessa reflexão, entende-se a importância que a prática do exercício físico pode trazer para esses indivíduos, através dos estímulos por meio de atividades físicas os mesmos podem alcançar o desenvolvimento de diversas áreas deficitárias para um Down trazendo benefícios significativos para estes, trabalhando áreas psicomotoras, cognitivas, motoras, sócio afetivas dentre outras.

Podemos entender, com Alves; Duarte (2011) a importância da convivência e interação dos alunos com necessidades em um ambiente comum a todos,

almejando possibilitar novas experiências, assim como a contribuição desta para o desenvolvendo de habilidades, aprimorar a autoestima e reduzir suas limitações psicossociais e fisiológicas. Contudo, ressalta Vygotsky (1991), que o ambiente sociocultural intervém na aprendizagem da criança, decorrente da interação da criança com o ambiente familiar e social, onde o meio se faz mediador da aprendizagem constituindo um desenvolvimento significativo.

A ludicidade e o brincar são ferramentas eficazes na estimulação da criança com síndrome de Down, em concordância com Movimento Down (2015) estimular é ensinar, motivar e aproveitar objetivos para transformar em conhecimento e aprendizagem, sendo o lúdico o elo de ligação entre a criança e o aprendido. Logo a criança com SD deve ser estimulada desde muito cedo, é através da brincadeira que a criança aprende e reproduz o mundo a sua volta, esse contato com o outro e com o mundo propiciado pela brincadeira é fundamental para que este desenvolva sua identidade.

As crianças com síndrome de Down possuem um grande potencial a ser desenvolvido. Elas precisam, contudo, de mais tempo e estímulo da família, de especialista e de professores para adquirir e aprimorar suas habilidades. Aspectos físicos e médicos influenciam no desenvolvimento da capacidade motora e de comunicação dessas crianças. De forma geral, as pessoas com Síndrome de Down apresentam tendência à hipotonia e a uma flexibilidade exagerada nas articulações.[...] (MOVIMENTO DOWN, 2015, p. 10)

Mediante a coleta de dados observou-se que o professor embora não tenha capacitação sobre a especialidade do aluno B1 adaptou por vezes alguns planos de aula almejando a participação e desenvolvimento do mesmo, notou-se que em atividades com brincadeiras de cooperação e ritmo em específico a “dança” o aluno B1 mostrou interesse desenvolvendo com requinte os movimentos. Varregoso (2014) afirma que através da linguagem representada pela dança, cada indivíduo revela seu mundo interior e encontra meios de se relacionar com as outras pessoas. Diante de tais reflexões afirma-se que, atividades físicas são fundamentais para o desenvolvimento global da criança com síndrome de Down, pois esta desempenha um papel importante à medida que através da mesma pode-se criar um ambiente adequado para a criança proporcionando diversas experiências, ou seja, desempenhando um papel fundamental no aprimoramento, auxílio e promoção do desenvolvimento global destes alunos. Pois, por meio das atividades de Educação Física é possível superar algumas deficiências geradas pela síndrome; os jogos,

brincadeiras, esportes são estratégias favoráveis para promover o desenvolvimento da maturidade motora, emocional além de melhorar a interação social.

Em conformidade com a linha de pensamento de Mazuki (1995) o professor é um dos componentes primordiais no processo de adequação e vivência destes alunos, pois a este cabe a função de definir os objetivos, bem como criar o processo de ensino-aprendizagem, definindo os objetivos a serem alcançados, avaliando a situação e condições dos alunos que se almeja trabalhar, buscando recursos que propiciem o aperfeiçoamento e desenvolvimento dos mesmos.

Neste estudo foi possível observar com mais afinco as dificuldades de viabilizar a inclusão no cenário escolar devido a inúmeros fatores, entre os quais o mais evidenciado é falta de qualificação dos profissionais e a decadência de infraestrutura que atendam às necessidades de tais indivíduos.

A falta de capacitação profissional e infraestrutura escolar são as maiores dificuldades vivenciadas pelos professores para a inclusão. Os professores de educação física assumem possuir pouco ou nenhum conhecimento sobre os tipos de deficiências dos seus alunos (LEONARDO; BRAY; ROSSATO, 2009)

Portanto mediante a tais informações é incontestável a realidade vivenciada pelos professores e alunos com necessidades especiais dentro das instituições escolares e quão decadente é este processo no que diz respeito a viabilização dos direitos garantidos por lei. Em concordância com Mantoan, Prieto (2006) pode-se afirmar que na teoria tais exigências legais estão bem alicerçadas, porém na prática revela-se a necessidade de elaboração de novos projetos e políticas públicas mais eficientes e que sejam capazes de serem realmente efetivadas na sua totalidade oferecendo às pessoas com deficiência as oportunidades necessárias ao seu desenvolvimento.

Em suma, a inclusão de alunos com SD nas aulas de Educação Física ainda é falha, o processo de inclusão destes indivíduos se depara com dificuldades bruscas que inviabilizam a sua interação e desenvolvimento. Entretanto, estes resultados não devem ser generalizados, pois este estudo apresenta limitações, logo que este se referi a um estudo de caso de um aluno com SD e que se ateve a uma única instituição do ensino fundamental. Os resultados descritos neste trabalho comprovam que ainda existem muitas brechas a serem reavaliadas a respeito do processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais. Faz se necessários novos estudos semelhantes a este com amostras maiores de alunos e instituições,

visando investigar o andamento na concretização deste processo nas redes regulares de ensino, partindo da análise de projetos ou formações continuadas para profissionais da área da educação, participação efetiva dos alunos e aprendizagem, desenvolvimento destes alunos e o aprimoramento das relações sociais. Além de diagnosticar as falhas virgemente no sistema educacional de inclusão.

6. CONCLUSÃO

A presente pesquisa apresenta de modo geral as deficiências existentes no processo de inclusão de crianças com síndrome de Down no âmbito escolar, as quais estão relacionadas diretamente com a falta de capacitação profissional no trabalhar com este público e a falta de infraestrutura adequada. Esta pesquisa revela a necessidade de novas propostas de políticas públicas que atendam de forma mais eficiente o processo inclusivo dentro das instituições escolares, do mesmo modo métodos pedagógicos que atendam o profissional da educação com conteúdo específico com cursos e formações continuadas que aprimorem gradualmente o professor, a peça fundamental no processo de inclusão.

7. REFERÊNCIAS

ÁLEFE DE OLIVEIRA. **Atuação dos professores no processo de inclusão dos alunos portadores da síndrome de down nas aulas de educação física.** 2010. p.1-17. Trabalho de conclusão de curso (licenciado) - em educação física da Universidade Católica de Brasília, em 12 de junho de 2010.

ALVES M.L.T, Duarte E. a Participação De Alunos Com Síndrome De Down Nas Aulas De Educação Física Escolar: Um Estudo De Caso. Movimento, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 237-256, jul/set ,2012.

AMANDA MARIA SAMPAIO. A síndrome de down no contexto familiar e social. **Eventos Pedagógicos**, Mato Grosso, v.3, n.1, Número Especial, p. 276 – 286, fev-abr. 2012.

BATISTA, André Gonzaga. Abordagem crítica da política educacional brasileira de inclusão de alunos com Síndrome de Down nas aulas de educação física do ensino regular. 2016. 37 p. Monografia (Licenciatura) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016.

CAMPOS, Patrício B, Kátia, Glat, Rosana. Procedimentos favoráveis ao desenvolvimento de uma criança com Síndrome de Down numa classe comum. Revista Educação Especial, Santa Catarina, v. 29,| n. 54 ,p. 27-40 ,jan./abr,2016.

CARVALHO, Camila Lopes. Conteúdos da educação física e a pedagogia de Freinet: pintando uma possibilidade para o aluno com síndrome de Down. 2014. p. 197, Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000946112>>. Acesso em: 25, maio.

DAMASCENO Beatriz Cristina, Viveane S.B.L, Renata Andrea F.F, A importância do brincar para o desenvolvimento da criança com Síndrome Down, Research, Society and Development, v. 4, n. 2, p. 142-152, fev. 2017.

HERRERO, M. Jesus Presentación. **Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais.** P. 25-26, Tradução Maria Helena Mourão Alves de Oliveira, Marisa Bueno Mendes Gargantini. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

LUIZ, Flávia Mendonça Rosa; Pfeifer, Luzia Iara; Sigolo, Silvia Regina Ricco Lucato; Nascimento, Lucila Castanheira. Inclusão de crianças com Síndrome de Down. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.17,n.4,p.649-658, out./dez (2012).

MARIA LUIZA TANURE, Edison Duarte. Inclusão social e o aluno com síndrome de down: um estudo de caso nas aulas de educação física. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 20, n. 1, p. 11-29, (2017).

ORNELAS, Celso Souza. A contribuição do profissional de educação física na estimulação essencial em crianças com síndrome de down. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 1 – 12,(2001).

SILVA, Ferreira. Intervenções na educação física em crianças. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 1 - 8 (2001).

SOUSA, Ângela Margarida. Síndrome de Down Dança Necessidades educativas Desenvolvimento. 2006. 148 p. Tese (Mestrado) - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria, 2006.

STEFÂNIA MORAIS PINTO, Stefânia Moraes Pinto. A educação física como promoção do desenvolvimento psico-motor em crianças portadoras da síndrome de down. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, Paraíba, ano 11, nº 37, p. 1-5, jul/set (2013).

SUZANA SANTOS.A inclusão do aluno com síndrome de down nas aulas de educação física da escola de ensino regular. 2011. p. 1-20. Disponível em: https://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2011.2/SUZANA_SANTOS.pdf. Acesso em: 26 de maio 2017.

ZANOTI. A psicomotricidade como recurso pedagógico na aprendizagem do aluno com síndrome de down. **Revista Científica CENSUPEG**, nº. 1, p. 170-178, (2013).

APÊNDICES

Questionário para professores

01.É sua especialidade trabalhar com alunos portador da síndrome de down?

- ☐ Sim, tenho especialização na área.
- ☐ Não tenho especialização na área.
- ☐ Não tenho especialização, porém gostaria de ter.
- ☐ Não responder

02.Você gosta ou gostaria de trabalhar com alunos com síndrome de down incluídos em classes comuns?

- ☐ Sim, seria relevante.
- ☐ Não seria relevante.
- ☐ Nunca, em classes comuns.
- ☐ Não responder

03.Você acredita que a atenção extra requerida pelos estudantes com síndrome de down pode prejudicar a fluidez das aulas de Educação Física e o desenvolvimento dos demais alunos?

- ☐ Não interfere.
- ☐ Interfere pouco.
- ☐ Interfere moderadamente.
- ☐ Interfere totalmente.

04.Em sua opinião, o portador da síndrome de down nas aulas de Educação Física, podem ser melhor atendidas em turmas específicas, que trabalhem apenas com a Educação Física Adaptada e o Esporte Adaptado?

(☐) Concordo totalmente.

(☐) Discordo parcialmente.

(☐) Concordo parcialmente.

(☐) Discordo totalmente

05.Você acredita que o aluno com síndrome de down incluído no ensino regular que não participa das aulas de Educação Física seja prejudicado em seu desenvolvimento motor, social, cognitivo e emocional?

(☐) Sim, claramente.

(☐) Não, de forma alguma.

(☐) Sim, parcialmente.

(☐) Não, totalmente.

06.Você acredita que as crianças com síndrome de down incluídas em aulas de Educação Física do ensino regular, em função da relação com os alunos sem deficiência, desenvolvem melhor suas capacidades escolares do que se estivessem em classe especial?

(☐) Obviamente, sim.

(☐) Evidente que não.

(☐) Não responder.

07.Em função das limitações da criança com síndrome de down, ela pode se sentir inferior às demais e não se desenvolver de maneira

condizente nas aulas de Educação Física quando incluídas em turmas regulares?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não responder

08.Você considera as atividades que aplica nas suas aulas no ensino regular apropriadas para os estudantes com síndrome de down?

- ☐ Não são apropriadas.
- ☐ São apropriadas razoavelmente.
- ☐ São apropriadas em alto grau.
- ☐ Não, sabe responder.

09.Você já buscou recursos próprios para sua atuação no processo de inclusão escolar de alunos com síndrome de down (curso de extensão, pós-graduação, livros, revistas, acesso pela internet, orientação com colegas...)?

- ☐ As vezes.
- ☐ Nunca.
- ☐ Sempre.

10.Você acha que a dispensa ou encaminhamento para dispensa das aulas de Educação Física, beneficia o bem estar desses indivíduos?

- ☐ Sim, pois os mesmo são incapazes de participar das aulas devido as características da síndrome.
- ☐ Não, pois a Educação Física é fundamental para o desenvolvimento global do indivíduo.
- ☐ Não responder

11.Você considera que os professores de Educação Física do ensino regular têm capacitação para dar aulas para crianças com síndrome de down em turmas inclusivas?

- () Concordo totalmente.
- () Discordo parcialmente.
- () Concordo parcialmente.
- () Discordo totalmente

- () Sim () Não () Não responder

13. Você conhece as disposições da Resolução 2/2001 do Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica, que institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e que normatiza o processo de inclusão educacional no Brasil?

- () Sim () Não () Não responder

14.Você se considera capacitado para atender alunos com síndrome de down em turmas inclusivas?

- () Sim, parcialmente capacitado.
- () Não, totalmente capacitado.
- () Sim, totalmente capacitado.
- () Não, capacitado.